

8.

Considerações finais

Minha proposta central no presente estudo consistiu em analisar como se co-constroem as famílias e as identidades sociais das famílias do Morro do Sossego, em Vila Rosário, Duque de Caxias. Considerando o ponto de vista feminino que permeou todas as entrevistas, posto em jogo por suas participantes (eu, como pesquisadora; Custódia, como agente comunitária de saúde, colaboradora de pesquisa e co-construtora das entrevistas; e as moradoras entrevistadas), delineei alguns objetivos que, neste momento, serão retomados para minhas reflexões.

8.1. As concepções de família construídas a partir do olhar das mulheres entrevistadas

Entendendo a família, dentre outras características, como uma esfera especial de socialização e de união em prol de seu bem-estar, pude observar que a organização das famílias gira basicamente em torno de suas necessidades de sobrevivência, por isso, cada uma das famílias trazidas ao longo das entrevistas possuiu organizações tão particulares. Seja em um molde semelhante à família nuclear de Silvia, seja uma família estendida que se dá pelo acolhimento de mais um ente de forma temporária como na família de Mara ou esse acolhimento ocorrer de forma definitiva como na família de Maria, seja uma família com um adulto responsável em zelar pelas crianças e administrar os benefícios recebidos; ao longo das construções feitas nas entrevistas delinear-se famílias que giram em torno de um(a) provedor(a)/responsável pela manutenção da casa.

Quanto à concepção de família que circula entre os moradores de Vila Rosário, seja ela estendida ou nuclear, estável ou com arranjos temporários, a família é vista como todos aqueles com quem se pode contar, sendo definida, como aponta Sarti (1994), em torno de um eixo moral, sem necessidade da mediação de vínculos sanguíneos.

8.2. As identidades sociais co-construídas no contexto de famílias de Vila Rosário

As identidades sociais co-construídas nas entrevistas demonstraram-se diretamente influenciadas pela moralidade que permeia as relações na região de Vila Rosário. Essas identidades parecem seguir de alguma forma aquilo que é prescrito por essa moralidade. Portanto, nas famílias em que os papéis sociais podem ser mantidos por nelas existir uma organização mais próxima da constituição de ordem nuclear tradicional, alguns papéis se destacam como o do homem provedor, a mulher responsável pela criação dos filhos, dentre outros.

Mesmo nas famílias em que a organização se dá de forma mais diferenciada, onde há o deslocamento de papéis entre os membros, essa moralidade também se faz presente, pois toda construção que parece escapar ao “molde” dado pela moralidade, é passível de justificativas, sempre trazendo situações alheias a sua vontade, como as de dificuldades de sobrevivência ou situações-limite de convívio.

8.3. Condições socioculturais e econômicas de Vila Rosário

Ao longo das entrevistas me deparei também com duas questões que estão do lado de fora das casas das famílias entrevistadas: as relações de vizinhança e o acesso aos serviços básicos, públicos.

As relações de vizinhança apresentaram-se conflituosas devido à junção de duas necessidades presentes nesse contexto: a privacidade e a casa. Pela necessidade da construção ou ampliação de suas casas próprias, patrimônios materiais bastante simbólicos, algumas “regras” de privacidade tendem a ser quebradas devido a desordem de construções locais.

Quanto ao acesso aos serviços, percebo que a região é pouco assistida e que essa carência pode contribuir para o aumento da dificuldade material dessas famílias, como no caso de Sílvia, impossibilitada de trabalhar pela inexistência de uma creche pública nas redondezas.

8.4. As doenças e suas implicações

As doenças inseridas no contexto familiar demonstraram-se capazes de criar situações que propiciam a construção de identidades como a do doente crônico. A pessoa enferma é vista como incapaz, o que se estabelece de uma maneira muito forte nessas famílias de trabalhadores urbanos, visto que sua força de transformação social e econômica tende a vir de sua força de trabalho.

Quanto à presença da doença, saliento o impasse entre o que se prega pelos especialistas (e hoje amplamente divulgado pela mídia) de busca de ajuda médica para medidas de prevenção de doenças mais graves e a “tradição” entre os trabalhadores urbanos: ir ao médico apenas em caso de necessidade, já com alguma doença instalada.

8.5. Relevância e contribuição da pesquisa

Para respeitar a diversidade encontrada nos lares de Vila Rosário, procurei não neutralizar nem essencializar as diferenças e as identidades tratadas. Pelo contrário, convoco a atenção para as percepções das entrevistadas sobre as realidades de suas famílias quanto a sua organização e seu olhar para o mundo.

As famílias dos trabalhadores urbanos que habitam Vila Rosário não podem mais ser vistas de longe, como uma grande massa amorfa desorganizada. É preciso conhecê-las, cada vez mais, por dentro, convivendo e aceitando sua heterogeneidade e suas expressões de moralidade.

Reconheço que a pesquisa aqui levada a cabo constitui apenas um começo, razão pela qual recomendo que futuros trabalhos atentem para a necessidade de se desenvolver estudos que abordem o tema com as mais diversas metodologias e que possam contribuir para despertar na comunidade acadêmica a necessidade da não existência de preconceitos em relação à diversidade de arranjos familiares e formas diferentes de se relacionar socialmente.

Acredito também que esta reflexão seja uma contribuição para se compreender a construção das identidades sociais e discursivas e, principalmente, das relações de conflito e de negociação que permeiam as famílias de trabalhadores urbanos em seus diversos arranjos.